# Uma narrativa da mente - 18/11/2024

\_Traz aspectos de uma teoria funcionalista sobre a consciência que opera como  
narrativa da mente\*\*[i]\*\*\_  
  
Teixeira inicia a abordagem da consciência em Dennett ressaltando que, embora  
a inteligência artificial (IA) tenha tido um grande avanço em seu  
desenvolvimento, ela não explica a consciência. Mesmo na ficção é possível  
assistir a grandes personagens que são máquinas conscientes, embora  
inteligência e consciência sejam coisas distintas. Por exemplo, o vírus HIV  
tem um comportamento que pode ser dito inteligente, mas não podemos dizer que  
é consciente. Mas a teoria da mente que mais se aproxima da IA é a  
funcionalista e se ela pudesse explicar a consciência haveria grande espaço  
para a chancela da IA como coisa consciente.  
  
Para Dennett, então, a consciência é a narrativa do que ocorre na mente. Ele  
distingue um aspecto mais elementar de consciência que é a capacidade de  
deliberação, isto é, do controle do comportamento que significaria estar  
consciente para executar as ações. Porém, elaborar narrativas vai além disso:  
é ter a capacidade de realizar escolhas do que será feito a seguir. Nesse  
sentido, Dennett é signatário de Ryle[ii], ou seja, ambos não tratam a  
consciência como uma unidade, não pensam que possa haver uma mente una e  
indivisível se opondo a matéria infinita e divisível e seria utopia buscar por  
um lócus da consciência, embora parte da neurociência caminhe nessa direção.  
  
Dennett entende que somos uma coleção difusa de vozes e fragmentos. Com uma  
postura deflacionária, a consciência é caracterizada com uma construção que  
atribuímos aos outros e não faz sentido buscarmos por seus correlatos neurais.  
Da mesma forma que Ryle, então, Dennett confronta o mito cartesiano de um  
coordenador central administrando nosso corpo e de um pano de fundo onde  
estariam inscritas as nossas experiências conscientes. Pleiteando um modelo  
descentralizado nos livramos do peso ontológico do “eu-penso” e do caminho que  
desemboca na figura do pai, do estado ou de deus.  
  
A teoria dennettiana da consciência é empírica e toma por base o conceito de  
Pandemonium criado por Selfridge que permite reconhecer padrões mal definidos.  
Tal conceito será abordado a seguir.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Começando o segundo capítulo de \_A mente segundo Dennett\_ , de, João de  
Fernandes Teixeira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.  
  
[ii] Sobre Ryle: [https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2024/11/revisitando-  
o-mito-  
cartesiano.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2024/11/revisitando-  
o-mito-cartesiano.html).